



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

## A TOCA, A CASA E O JARDIM: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO NARRATIVO NA OBRA *AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*

Jailton dos Santos Silva; Fernanda Diniz Ferreira; Dr. Hermano de França Rodrigues

*Universidade Federal da Paraíba*

jailton.silva30@gmail.com

fernanda.dinizfdf@gmail.com

hermanorg@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho consiste em apresentar uma proposta de estudo crítico literário, bem como psicanalítico da obra **As aventuras de Alice no país das maravilhas**, de Lewis Carroll, no intuito de analisar através de um olhar psicanalítico a toca, a casa e o jardim e a sua representação simbólica, no se refere a espaço narrativo, ou seja, analisar como a configuração do espaço na obra interfere nas atitudes da personagem principal, Alice. Escolhemos este tema como objeto de estudo, por existir uma escassez de estudos no que tocante ao espaço narrativo na obra. O que percebemos é que a maioria das pesquisas realizadas está centralizada na personagem Alice, deixando de averiguar outros aspectos que são postos no conto, e que, por sua vez, são relevantes para o desenrolar da história. Nesse sentido, percebemos a pertinência do estudo voltado à percepção dos elementos psicanalíticos inerentes a obra, principalmente, sobre as questões relativas à teoria do inconsciente de Freud, repensando a construção e pertinência de alguns espaços na obra, através de seu posicionamento discursivo e de sua construção simbólica. Assim, o uso de elementos fantásticos na obra **As aventuras de Alice no país das maravilhas**, traduz de modo literário a tentativa de aproximação do desejo de fuga do real para o mundo imaginário (inconsciente).

**Palavras-chave:** Espaço narrativo, inconsciente, desejo, representação simbólica.

### Introdução

O texto literário assume, em sua forma, várias facetas, sobretudo no que diz respeito à essência da análise de um determinado *corpus*, pois o texto literário nos propõe uma visão ampla de estudo no que está sendo empregada.

Este trabalho tem como proposta o estudo crítico literário da obra **As aventuras de Alice no país das maravilhas**, de Lewis Carroll, numa leitura psicanalítica da toca, da casa e do jardim e a sua representação simbólica no espaço narrativo. Escolhemos este tema por existir uma escassez de

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)



estudos no que se refere ao espaço narrativo, na obra. O que percebemos é que as análises são centralizadas excessivamente na personagem, Alice, que, por sua vez já se encontra consagrada pela literatura infantojuvenil por a personagem cerne da obra, porém, o que percebemos é um esquecimento por parte da crítica literária e psicanalítica a outros aspectos e personagens relevantes à própria constituição literária. Por isso, ao tratarmos sobre a relação entre literatura e psicanálise, devemos levar em consideração que a própria arte literária, por sua vez é mais antiga que qualquer teoria, pois a arte não se limita aos fatos que aconteceram, segundo diz Aristóteles<sup>1</sup>, mas sim, trabalha com aquilo que poderia ter acontecido. Por isso, o nosso objetivo é analisar como a configuração do espaço interfere nas atitudes de Alice.

Este cenário justifica a análise aqui proposta e, para tal, valemo-nos dos conceitos de BORGES FILHO (2008); BOURNEUF e OUELLET (1976), NEVES (2013) autores trazem uma discussão sobre as concepções de espaço, além de estudo de outros pesquisadores; e por fim, FREUD (1987), sobre os princípios do inconsciente e os estudos de SILVA (2011), sobre as relações entre literatura e psicanálise, além da leitura prévia da obra.

## Metodologia

Para a execução deste trabalho foi realizada uma análise da obra **As aventuras de Alice no país das maravilhas**, especificamente sobre a categoria do espaço narrativo e, em especial, sobre a toca, a casa e o jardim. De início, colocamos uma pequena contextualização para situar o leitor acerca do assunto e, em seguida, fizemos uma breve consideração sobre o espaço narrativo na ficção; logo em seguida, inserimos uma explanação sobre os estudos da psicanálise, tanto a partir dos estudos de Sigmund Freud (1987) quanto de estudos recentes que entrecruzam teorias literárias e psicanalíticas. Por fim, executamos a análise propriamente dita, tendo destacado os aspectos que concebemos como importantes no espaço narrativo e que possuem relação com as atitudes da personagem.

## A obra em seu contexto

Antes de adentrarmos neste assunto, achamos de fundamental importância situar o leitor no

---

<sup>1</sup>ARISTÓTELES. **A poética clássica**. Tradução de Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.



que diz respeito ao período histórico, trazendo um breve contexto da época em que o escritor Lewis Carroll estava inserido. É, em 1865, que o livro **As aventuras de Alice no país das maravilhas** é publicado, o conteúdo do livro diz respeito a uma menina que durante um sonho idealiza um mundo fantástico com criaturas excêntricas, o qual tem contato a partir do sonho.

Nesse ínterim, na França, surge o Positivismo<sup>2</sup>, sob a ideologia de que a única forma de conhecimento verdadeiro se daria pelo saber científico. Desse modo, desconsideraria outras formas de conhecimento humano e confrontaria algumas ideias, dentre elas as que eram pregadas pela Igreja. Neste mesmo período surge a Teoria da Evolução<sup>3</sup>, em que Darwin traz à tona a discussão a respeito do criacionismo, explicando o surgimento da humanidade. Grandes avanços nos campos científicos e tecnológicos foram presentes nesse momento, enquanto isso, a sociedade pregava uma moralidade rígida, puritana e patriarcal.

É neste cenário de tensão entre o moderno e a tradição, entre a religião e a ciência que a literatura de Lewis Carroll surgiu também como função no sentido de proporcionar prazer intelectual.

Ainda no que concerne ao contexto histórico da obra, é relevante falarmos a respeito da Era Vitoriana, período da história na Inglaterra em que a rainha Vitória I governou entre 1837 e 1901, a qual se destacou pela conquista das colônias da África, Ásia e Oceania, bem como pelo grande desenvolvimento econômico e industrial do país, pois lutava por estabelecer a restauração e o prestígio da coroa inglesa.

Em relação à Era Vitoriana, no que diz respeito à cultura, houve repressões aos críticos que se opuseram às ideias e aos valores morais propostos pelo regime. Muitos escritores, políticos opositores, homossexuais e artistas foram perseguidos. Alguns estudiosos, inclusive, dizem que Alice foi uma estratégia utilizada por Lewis para fazer uma crítica a essa opressão da sociedade inglesa da época, e foi a partir da literatura em um viés infantil que o autor marcou a sua indignação.

## **Breves considerações sobre o espaço narrativo na ficção**

Como em toda e em qualquer obra, o espaço narrativo é um elemento ou categoria narrativa que exerce bastante impacto sobre a(s) personagem(ns), interferindo, diretamente ou indiretamente

<sup>2</sup> Corrente filosófica que surgiu no começo do século XIX na França. Tinha como idealizadores os pensadores Augusto Comte e John Stuart Mill.

<sup>3</sup> Teoria que surge no século XIX, a partir dos estudos de Charles Darwin.



nas ações. A concepção de espaço pode variar de acordo com a visão de estudo que está sendo empregada. Nesse sentido, tomando por base a visão de espaço narrativo em Borges Filho (2008), estudada por Neves (2013, p. 15), “a topoanálise tem em vista toda e qualquer espacialidade representada na obra de ficção”, isto é, os detalhes e as nuances próprias das configurações espaciais devem fazer parte do foco na análise.

Nessa medida, para Borges Filho (2008), o conceito de espaço deve ser visto de forma mais ampla porque há funções relevantes que interferem na conduta das personagens. Concordando com o conceito desse estudioso, Neves (2013), cita-o, dizendo que o espaço é:

[...] Um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário e natureza. A ideia de experiência, vivência, etc., relacionada ao conceito de lugar segundo vários estudiosos, seria analisada a partir da identificação desses dois espaços sem que, para isso, seja necessário o uso da terminologia ‘lugar’. Dessa maneira, não falaríamos de lugar, mas de cenário ou natureza e da experiência, da vivência das personagens nesses mesmos espaços (BORGES FILHO, 2008, p. 1, *apud*, NEVES, 2013, p. 15).

Assim, toda a composição espacial se faz importante, à medida que compõe um cenário para causar determinado efeito no enredo, de modo a ligar todo sentido da trama literária ao(s) seu(s) personagem(ns) principal(is) e/ou secundário(s). Ou seja, há uma relação direta entre personagem e espaço, uma vez que esses elementos não podem estar dissociados na ficção. Com efeito, o cenário e a natureza podem ter características próprias ou não. O cenário, assim como a natureza, são o *locus* onde os envolvidos na trama irão delinear a ação até que esta chegue a um desfecho.

Assim, nenhum objeto, cor, textura, forma estão empregados na ambientação por um acaso, mas sim, colocados de forma consciente, cuidadosa e meticulosa –, para que se alcance na obra uma verossimilhança<sup>4</sup>, um pacto entre o leitor e o autor (ECO, 1994). Nesse sentido, para Bourneuf e Ouellet (1976):

Uma representação fácil para o leitor pode denotar, da parte do romancista, uma elaboração minuciosa da obra, uma atenção escrupulosa às formas sensíveis, uma preocupação de lógica, ou um ‘sentido do espaço’ que o aproximam do leitor (BOURNEUF e OUELLET, 1976, p. 132).

Assim, ao construir o espaço ficcional o autor o representa não sem nenhuma uma coerência; existe, sim, uma lógica interna, a qual serve para dar sequência aos fatos. Digamos, por exemplo, uma chave não vai estar presente num determinado ambiente se não tiver ali para “abrir”

<sup>4</sup> ARISTÓTELES. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.



alguma porta, ainda que, simbolicamente, não seja uma porta, mesmo assim sempre é remetida à chave a função de passagem de um plano para o outro. Logo, as representações simbólicas do espaço ficcional se constituem como uma cadeia de eventos sugestivos ao próprio imaginário que se estabelece a partir dos efeitos de sentido que se traz para o leitor.

De acordo com os estudos de Neves (2013) há gradações ficcionais que Borges Filho (2008) elenca em sua “teoria do espaço”, que são: realista, imaginativa e fantasista. Em seu estudo, Neves (2013), citando Borges Filho (2008), diz que:

Com relação à representação do espaço na obra literária, o referido autor destaca três gradações ficcionais, a saber: realista, imaginativo e fantasista. Na realista, “o espaço construído na obra semelha-se à **realidade cotidiana da vida real**. Nesse caso, o narrador se vale frequentemente das citações de lugares existentes”. No imaginativo, os lugares que são mencionados na obra literária **não existem no mundo real**, “[...] São **lugares inventados, imaginados pelo narrador**, no entanto, são **lugares semelhantes** aos que vemos em nosso mundo”. Na fantasista, podem ser encontrados “espaços que não possuem **nenhuma semelhança com a realidade** e que não **seguem nenhuma regra do mundo natural que conhecemos. Esses mundos têm suas próprias regras**” (BORGES FILHO, 2008, p. 3, *apud* NEVES, 2013, p. 16-17, Grifo nosso).

Diante dessas definições, essa categoria passa a ganhar importância na conjuntura do texto ficcional, visto que essas três gradações podem, em certa medida, entrecruzar-se na obra, possibilitando abrir várias interpretações.

## **Algumas considerações sobre a psicanálise**

O estudo sobre a Psicanálise ou envolvendo esta área tem colaborado com pesquisas no mundo inteiro, especialmente, contribuindo com o estudo de textos literários, porque sendo a literatura uma arte não está aquém desta ciência, mas que, na essência de seus aspectos ficcionais se adiantou à própria teoria da Psicanálise. Os estudos de Freud (1987) apontam para a existência de três sistemas que governam o aparelho psíquico humano e que agem diferentemente para cada indivíduo. Assim, o *id*, *ego* e o *superego*, assim denominados por Freud (1987), consistem em desencadear ou “refrear” reflexos, atitudes, gestos, pensamentos, vontades, desejos, dentre muitas outras características inerentes à própria natureza humana.

Nas considerações de Freud (1987) sobre o princípio de prazer, ele diz que “esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início” (FREUD, 1987, p. 84). Ou seja, esse



princípio surge nos seres humanos desde a infância e é governado pelo ID, que é o sistema psíquico mais primitivo dos seres humanos que, em dizeres freudianos é o *inconsciente*. Este é a “caixa de Pandora<sup>5</sup>” que, se deliberadamente aberta, libertará todos os desejos, vontades, sentimentos e impulsos no mundo. Com efeito, para Silva (2011, p. 12) “o princípio do prazer impulsiona o sujeito a encontrar uma forma de satisfação, através da posse do objeto de desejo, cujo objetivo final é a felicidade ou concretização do desejo”.

Sendo assim, são projeções do inconsciente o “ato falho”, O “chiste”, os “sonhos” e os “sintomas” (MALISKA e TAVARES, 2012). Os desejos e as pulsões sexuais também fazem parte do inconsciente. Com efeito, uma característica intrínseca ao *id* são os chamados “fluxos de consciência”, que se caracterizam pelas oscilações entre o consciente e o inconsciente. Em outras palavras, são suspensões temporárias de consciência que o indivíduo tem, após o inconsciente entrar em ação. Os fluxos são rápidos e muitas vezes o próprio indivíduo não se dá conta de que, por um dado momento, não estava em si mesmo.

No tocante ao *ego*, Freud (1987) diz que, *grosso modo*, esse é o sistema que representa o consciente; funciona como um intermediador entre o *id* e o *superego*. Em outras palavras o *ego* é aquilo que aparentamos ser e que apresentamos para a sociedade. Desse modo, tomando por base a teoria freudiana, Silva (2011, p. 12), entende uma das funcionalidades do *ego*, dizendo que “o ego procura conter a carga de tensão que há no *id*, pois, caso contrário, se não houver um meio de vazão dessa energia, o indivíduo poderá ter sérios transtornos psíquicos”. Mas, apesar de existir no mesmo indivíduo, esse sistema não nasce com ele, é construído ao longo da vida, acompanhando os estágios de amadurecimento do sujeito.

Já o *superego*, por sua vez, na concepção de Freud (1987) é o controle social –, regido pela sociedade, como: o Estado, a religião, a família, a escola, dentre outras instituições de poder. Esse sistema funciona como repressor do *id*, isto é, das pulsões humanas, um inibidor de vontades e desejos. O recalque, por exemplo, é um reflexo de como funciona o *superego* no indivíduo. Não obstante, o esse último sistema do aparelho psíquico também age sobre o *ego*, tornando-o ainda mais capaz de frear as pulsões que provém do *id*. Nesse sentido, para Freud (1987, p. 129) “o *superego* atormenta o *ego* pecador com o mesmo sentimento de ansiedade e fica à espera de oportunidade para fazê-lo ser punido pelo mundo externo”.

---

<sup>5</sup> HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 2007.



## Análise de dados

A análise que aqui empreendemos recai sob três aspectos na obra **As aventuras de Alice no país das maravilhas**, de Lewis Carroll, a saber: a *toca*, a *casa* e o *jardim*. Esse texto se constitui como a mais famosa obra escrita por Carroll, e, como arte, pode expressar-se inconscientemente. A tríade que analisamos faz parte dos três aspectos topográficos, muitos pertinentes que influenciam a personagem principal, Alice, a tomar algumas decisões, mesmo inconscientes, mas que, como toda e qualquer menina tem curiosidades, vontades e desejos. Analisamos cada uma, ponderando, sempre que possível a acerca da teoria de Sigmund Freud (1987).

A categoria do espaço narrativo na obra, a qual é o alvo de nossa análise, possui alguns aspectos que nos chamam a atenção: primeiramente na forma como se constituem os elementos e, em segundo, como eles influenciam nas decisões da personagem até de forma inconsciente e inconsequente. Sabemos que vontades e desejos são frutos do inconsciente, em dizeres freudianos, e que isso exerce um peso nas decisões, como a própria Alice nos dá a pista, no texto, ao dizer: “E de que serve um livro [...] sem figuras, nem diálogos” (CARROLL, 2009, p. 13). O desejo de mergulhar no mundo da fantasia e da imaginação para Alice são sensações egocêntricas que estão em primeiro lugar como meio de satisfação pessoal. O fluxo de consciência que ela tem quando ainda estava sonolenta faz com que esses mesmos desejos (digamos, “infantis”), imaginem um coelho falando e entrando numa toca. A partir daí, no “*País das Maravilhas*” todos os espaços terão, de alguma forma uma representação simbólica, uma interferência direta ou indireta nas ações da protagonista.

Ao chegar ao interior da toca, Alice vê um salão, várias portas e uma minúscula chave que se encontra em cima de uma mesa de vidro. Além disso, há uma outra porta pequena (CARROLL, 2009). Essas características da *toca* não estão inscritas ao acaso, visto que tudo isso possui um sentido na lógica interna da obra, pois o “tamanho, forma, objetos, e suas relações” (BORGES FILHO, 2008, p. 1, *apud*, NEVES, 2013, p. 15), característicos do espaço, provocam o “maravilhoso”, criado a partir de projeções do inconsciente: “Abriu a porta e descobriu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ajoelhou-se a avistou, do outro lado do buraco, o jardim mais encantador que já se viu” (CARROLL, 2009, p. 28). O desejo de viver num mundo cheio de imaginação e de fantasia aguça o inconsciente da personagem e a impulsiona a explorar o desconhecido:

“Como, porém, nessa garrafa não estava escrito ‘veneno’, Alice se arriscou a provar e, achando o gosto muito bom (na verdade, era uma espécie de sabor misto



de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga), deu cabo dela num instante.” (CARROLL, 2009, p. 19).

Nesse sentido, ao encontrar certos objetos nos locais por onde passa, Alice muitas vezes age, ora de forma pensante ora de forma inconsequente, deixando-se levar pelo desejo de conhecer o desconhecido e isso a faz enfrentar consequências dramáticas, como podemos perceber no trecho, a seguir:

‘Que sensação estranha!’ disse Alice; ‘devo estar encolhendo como um telescópio!’ E estava mesmo: agora só tinha vinte e cinco centímetros de altura e seu rosto se iluminou à ideia que chegara ao tamanho certo para passar pela portinha e chegar àquele jardim encantado (CARROLL, 2009, p. 20).

Para atender ao próprio desejo de encontrar o jardim, Alice acaba bebendo o conteúdo da garrafa, sem saber o que o líquido faria consigo, pois queria passar pela pequena porta. Todavia, não chega a dar certo porque ela esquece a chave sob a mesa de vidro antes de seu tamanho reduzir. Não conseguia, portanto, alcançar e, então, começa a chorar. Mas, pouco tempo depois encontra um bolo minúsculo e, pensando que este aumentaria o seu tamanho para alcançar a chave, come-o rapidamente:

Pouco depois deu com os olhos numa caixinha de vidro debaixo da mesa: abriu-a e encontrou dentro um bolo muito pequeno, com as palavras ‘COMA-ME’ lindamente escritas com passas sobre ele. ‘bem, vou comê-lo’, disse Alice; se me fizer crescer, posso alcançar a chave; se me fizer diminuir, posso me esgueirar por baixo da porta; assim, de uma maneira ou de outra vou conseguir chegar ao jardim; para mim tanto faz! (CARROLL, 2009, p. 21).

Como já dissemos anteriormente, nada está posto gratuitamente na obra, o ambiente, os objetos, todos influenciam e favorecem as ações infantis de Alice. Esse quadro de inconstância vivenciado pela protagonista são representações simbólicas da vida na adolescência, porque nessa fase, como se sabe, a adolescência é um momento difícil para qualquer indivíduo, porque é uma fase de transformações psicológicas e afirmações identitárias. Vale ressaltar que ao aumentar e diminuir de tamanho Alice mostra a dualidade de sentimentos que ora deseja ser adolescente e ter uma certa independência, ora deseja ser criança e não sair da zona de conforto que oferece o mundo infantil, como podemos perceber nas palavras do narrador: “Como desejava sair daquele salão escuro e passear entre aqueles canteiros de flores radiantes e aquelas fontes de água fresca!” (CARROLL, 2009, p. 18). Desse modo, o desejo começa a tornar-se uma obsessão incansável. Como já dissemos, o *desejo* é originário do inconsciente, mas não está, necessariamente, ligado às

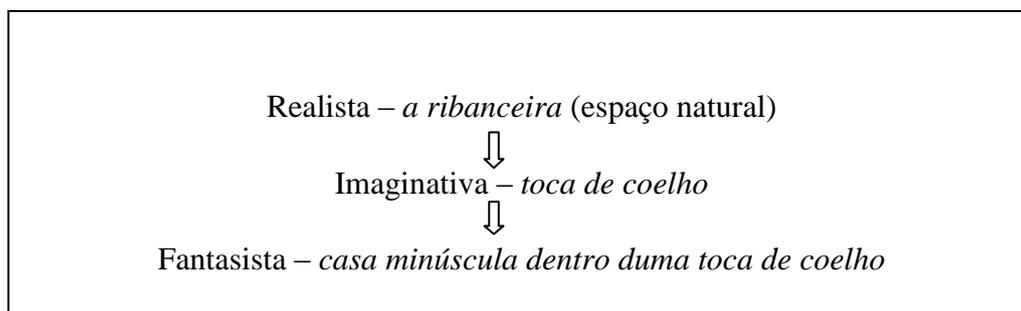


pulsões sexuais, mas também, a outros fatores, outras formas de desejo que, inerentemente à própria natureza humana, partem do “*princípio de prazer*” (FREUD, 1987), pois este princípio provém do inconsciente e “consiste em impulsos carregados de desejo que são extremamente móveis e exercem sua força (catexia) no sentido de ascender ao consciente” (MALISKA e TAVARES, 2012, p. 3). Nesse sentido, é de fundamental importância discorrer sobre o inconsciente, pois se constitui de certo modo como ponto de partida comum aos processos psíquicos que, por sua vez, podem ou não ter acesso à consciência.

No tocante ao segundo ponto de nossa análise, a *casa*, que é outro espaço simbólico, consideramos que ela tem características bem peculiares. Começamos pelas questões que levaram Alice até este local. Na verdade, não sabemos ao certo como Alice chegou a esse local, pois o narrador não nos deixa muito claro como os fatos seguintes se sucederam, todavia, é possível perceber essas características pelas descrições que o narrador coloca ao se referir às ações de Alice.

Depois de ter chorado muito por não poder ter entrado na portinha que dava acesso ao jardim, Alice esteve reunida com vários animais e num determinado momento, num caminho aparece o Coelho Branco lhe dando ordens. Não há, até aqui, uma linearidade na mudança de espaço, mas conseguimos conceber essa quebra de linearidade espacial porque como disse Eco (1994, p. 81) “o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional”. Assim, essas mudanças estão ligadas pelo o que, certamente, se configura no que Borges Filho (2008) chamou de gradações ficcionais.

## Gradações ficcionais, segundo a teoria do espaço de Borges Filho (2008)



Quando Alice (ainda com vinte e cinco centímetros) chega a casa, dirige-se ao quarto para pegar as luvas e o leque que o coelho ordenara-lhe. Então, ela encontra outra garrafa que continha um líquido, sem nenhuma especificação de que produto se tratava. Sem pensar, ela toma posse da garrafa e bebe toda a essência que estava no frasco:



A essa altura havia entrado num quartinho bem-arrumado, com uma mesa à janela e, sobre ela (como esperara), um leque e dois ou três pares de minúsculas luvas brancas de pelica. Pegou o leque e um par de luvas e estava prestes a sair do quarto quando bateu o olho numa garrafinha pousada junto do espelho. Desta vez não havia nenhum rótulo com a palavra ‘BEBA-ME’, mas mesmo assim ela a desarrolhou e levou aos lábios. ‘Sei que alguma coisa interessante sempre acontece’, pensou, ‘cada vez que como ou tomo qualquer coisa; então vou só ver o que é que esta garrafa faz. Espero que me faça crescer de novo, porque estou realmente cansada de ser esta coisinha tão pequenininha.

Foi o que aconteceu, e bem mais depressa do que Alice esperara: antes de tomar a metade da garrafa, sentiu a cabeça forçando o teto e teve de se abaixar para não quebrar o pescoço. Pousou a garrafa rápido, dizendo para si: ‘É mais do que o bastante... Espero não crescer ainda mais... Do jeito que está, já não passo pela porta... Não devia ter bebido tanto!’ (CARROLL, 2009, p. 44-45).

Através dos atos da protagonista, percebemos que algumas de suas atitudes “impensadas” a fazem sempre diminuir ou aumentar de tamanho constantemente. Desse modo, as influências que os espaços têm em Alice representam, simbolicamente, planos de passagem ou ritos de passagem da criança para a formação da personalidade de mulher, porque há, em vários momentos, as dificuldades de sair dos apuros que há na vida e em como procurar soluções para os problemas.

Depois de todos os reveses enfrentados para chegar ao jardim, Alice, depois que saiu do bosque e da casa onde tomara chá com o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março e o Caxinguelê e tendo encontrado um pedaço de cogumelo que pode aumentar ou diminuir o tamanho (se comido), caminha novamente na direção do salão, onde estivera pela primeira vez:

Viu-se novamente no salão comprido, perto da mesinha de vidro. ‘Desta vez vou me sair melhor’, disse para si mesma, e começou por pegar a chavezinha de ouro e destrancar a porta que deva para o jardim. Em seguida tratou de morder o cogumelo (tinha guardado um pedaço no bolso) até ficar com uns trinta centímetros; depois seguiu pela pequena passagem; e então... encontrou-se finalmente no jardim encantador, entre as fontes de água fresca (CARROLL, 2009, p. 91).

Desse modo, ao encontrar o jardim, a personagem se sente realizada, pois seus olhos estão contemplando o ambiente que sempre desejara encontrar, desde que olhou a primeira vez pela porta pequena. Assim como a toca e a casa, o jardim também é uma representação simbólica do desejo de estar num mundo imaginário, em um mundo de fantasias, em um mundo que foge da mesmice que o real produz. Com efeito, esse desejo que se projeta, simbolicamente, por meio do espaço narrativo é o florescer de uma nova Alice que, inconscientemente, já começa a dar as primeiras pistas de amadurecimento corporal, e, neste sentido, como já disse Silva (2011) anteriormente: “o princípio



do prazer impulsiona o sujeito a encontrar uma forma de satisfação, através da posse do objeto de desejo, cujo objetivo final é a felicidade ou concretização do desejo” (SILVA, 2011, p. 12), pois esse jardim, para Alice é o objeto de desejo. Assim, concebemos que o narrador nos dá a pista de uma nova Alice, porque os espaços por onde a personagem percorreu e as dificuldades que enfrentou fizeram com que ela adquirisse posturas mais rígidas, não mais de uma criança, por isso, “o espaço é organizado com o mesmo rigor que os outros elementos, age sobre eles, reforça-lhes o efeito e, no fim de contas, exprime as intenções do autor” (BOURNEUF e OUELLET, 1976, p. 138). Desse modo, os desejos de Alice em vivenciar aventuras num mundo fantástico fazem com que ela, para concretizar esses desejos, experimente comidas e bebidas que ora fazem aumentar ora diminuir, mas que fique esclarecido que há um propósito de ser assim.

## Considerações finais

Diante do exposto e longe de esgotar as infinitas análises que essa obra fantástica pode nos proporcionar para futuros estudos, finalizaremos, portanto, com algumas últimas considerações.

A falta de estudos na categoria do espaço narrativo em **As aventuras de Alice no país das maravilhas**, nos levou a pesquisar as influências que o espaço possui na vida da protagonista, o que nos conduziu a uma análise psicanalítica. No estudo, vimos que a toca, a casa e o jardim, gradativamente, possuem uma representação simbólica que se traduz pelo desejo da personagem em vivenciar aventuras fantásticas em um “País das Maravilhas”. As teorias sobre espaço narrativo nos forneceram uma visão melhor sobre alguns conceitos sobre espaço ficcional, bem como, ajudou a construir uma visão crítica do espaço na obra, principalmente, os três aspectos apontados.

As teorias da psicanálise de Sigmund Freud (1987) e outros estudos na área nos deram embasamento, no tocante à questão do “desejo”, representada pelo espaço, o qual contribuiu para as projeções do inconsciente de Alice em vários episódios de suas aventuras. Quando analisamos a função do espaço dentro de uma obra, não podemos nos esquecer de que tudo que há na trama tem um sentido de estar ali presente, de fazer parte da organização do texto literário que, no caso da obra de Lewis Carroll, consideramos que é o inconsciente que impulsiona Alice a não ficar com a irmã lendo um livro sem figuras, mas sim, de criar um mundo em que tudo é possível. E embora esse mundo imaginário seja do jeito que o inconsciente da personagem projetou, o seu consciente reprime os desejos latentes como forma de não revelar que essas aventuras são representações simbólicas do amadurecimento da personagem.



## Referências

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. Tradução de Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BORGES FILHO, O.; BARBOSA S. (Orgs.). Poéticas do Espaço Literário. In: NEVES. S. C. F. **A Transgressão do espaço em Macunaíma**. João Pessoa, 2013. p. 15-17. Disponível em: < [www.cchla.ufpb.br/ccl/images/NEVES\\_Siméia\\_de\\_Castro\\_Ferreira.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ccl/images/NEVES_Siméia_de_Castro_Ferreira.pdf).

BOURNEUF, R.; OUELLET, R. O espaço. In : **O Universo do romance**. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

CARROLL, L.. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro, 2009.

ECO, U. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREUD, S. O mal-estar da civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Traduzido por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MALISKA, M. E; TAVARES, R.C. **Alice no país do inconsciente: uma análise no entremeio da psicanálise com a literatura infantil**, 2012. Disponível em: <[linguagem.unisul.br/paginas/.../Mauricio\\_Maliska\\_Renata\\_Tavares.pdf](http://linguagem.unisul.br/paginas/.../Mauricio_Maliska_Renata_Tavares.pdf)>. Acessado em: 10 Dez 2015.

NEVES. S. C. F. Concepções físicas e literárias sobre espaço. In: \_\_\_\_\_. **A Transgressão do espaço em Macunaíma**. João Pessoa, 2013. p. 15-17. Disponível em: < [www.cchla.ufpb.br/ccl/images/NEVES\\_Siméia\\_de\\_Castro\\_Ferreira.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ccl/images/NEVES_Siméia_de_Castro_Ferreira.pdf).

SILVA, J. S. A psicanálise e a literatura. In: \_\_\_\_\_. **A constituição dos traumas de Luis da Silva, em Angústia, de Graciliano Ramos**. João Pessoa, 2011. cap. 3.